

Os personagens

Covas não fala em crise e diz que mandato atual é só transição

MARCELO XAVIER DE MENDONÇA

Repórter da Sucursal de Brasília

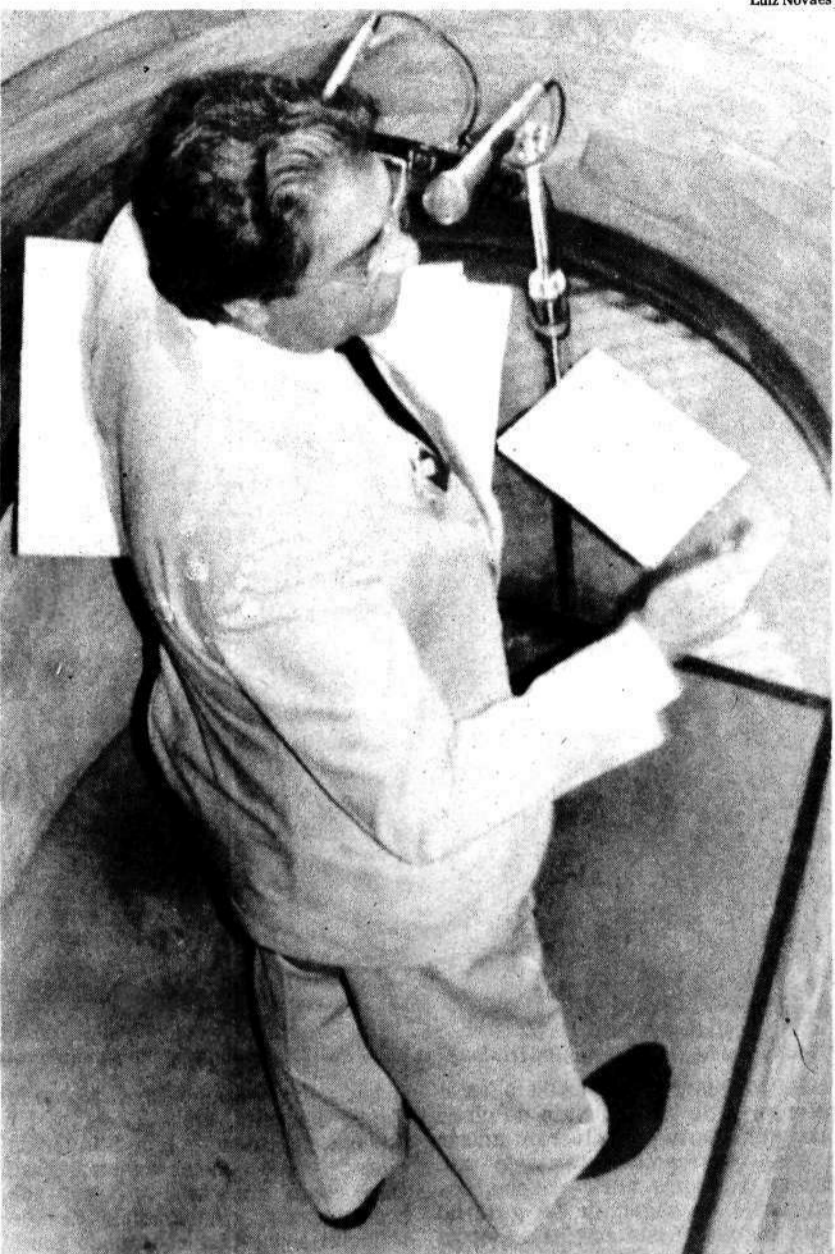
Nos vinte minutos que usou para discursar ontem, na Comissão de Sistematização, pelo mandato de quatro anos para o presidente Sarney, o líder do PMDB no Senado, Mário Covas (SP), arrancou menos aplausos que há quatro meses, quando sua fala sobre o mesmo assunto provocou visível emoção na convenção peemedebista. Baseado num único princípio —o mandato do atual presidente serve apenas para a transição, que se encerra com a promulgação da nova Constituição— o discurso de Covas foi frio, quase filosófico, e sem referência à crise política.

O líder peemedebista começou o discurso citando o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), presidente da Comissão de Sistematização, que defendeu os cinco anos dizendo preferia a justiça à vitória. "Eu prefiro a vitória com justiça", disse Covas, que falou em seguida da ameaça feita por Sarney na quarta-feira. Através do então porta-voz Frota Neto, o presidente havia considerado o voto pelo quatro anos como "declaração de guerra". Depois, em entrevista, Covas considerou o episódio como decisivo para a vitória de um mandato menor.

No meio do discurso, Covas leu um recorte de jornal que continha uma declaração de Tancredo Neves, que afirmava sua preferência pelo mandato de quatro anos para a transição. Sua referência ao parlamentarismo foi discreta. "Acho que o parlamentarismo conta com a maioria nesta Casa". Na saída, após a votação vitoriosa, foi abordado pelo deputado José Genoíno (PT-SP): "Como é, senador, agora vamos para o presidencialismo. O sr. vai se eleger presidente com quarenta milhões de votos para quê?" Covas riu e reagiu no mesmo tom: "Você viu que eu fui cuidadoso quando falei no parlamentarismo, né?"

O senador, que evitou admitir sua candidatura à Presidência, durante as entrevistas, acordou cedo. Antes das 7h já estava de pé, e depois de um banho, tomou café puro com torradas e queijo fundido, banana e manga. No plenário, Covas se levantou apenas uma vez antes do fim da votação —para cumprimentar o governador de Alagoas, Fernando Collor, adepto dos quatro anos.

A comemoração foi no restaurante Piantella —"reduzido" gastronômico do presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães—, para onde Covas e sua mulher, Lyla, foram às 14h, acompanhados dos deputados peemedebistas Antônio Perosa (SP), Néson Jobim (RS), Antônio Britto (RS) e Antonio Mariz (PB), com suas respectivas mulheres.



Sem os sapatos, o senador Mário Covas discursa na Comissão de Sistematização

Na última hora, mais sete adesões

Da Sucursal de Brasília

Faltando poucos minutos para que a Comissão de Sistematização começasse a votar a duração do mandato do presidente Sarney, uma nota assinada por sete parlamentares e lida pelo deputado Virgildásio Senna (PMDB-BA) anunciava mudanças de posição de parlamentares antes colocados como cincoanistas.

Segundo a nota, os constituintes teriam se esforçado para encontrar "a fórmula que, assegurando o sistema parlamentarista como forma de governo, permitisse ao presidente

José Sarney cumprir um mandato de cinco anos", mas esse entendimento fracassou devido à "intransigente oposição do presidente da República". Os sete parlamentaristas que aderiram aos quatro anos são os deputados Virgildásio Senna, Mário Lima (PMDB-BA), Francisco Pinto (PMDB-BA), Celso Dourado (PMDB-BA), Abigail Feitosa (PMDB-BA) e Carlos Mosconi (PMDB-MG), e o senador Néson Carneiro (PMDB-RJ). A deputada Abigail Feitosa afirmou, porém, que já defendia um mandato de quatro anos desde o início dos trabalhos constituintes.

Arinos causa confusão, briga com Cardoso e despreza nota de Sarney

Da sucursal de Brasília

Arrogante, mal-educado, vaidoso, engraçado, o senador Afonso Arinos (PFL-RJ) foi um dos personagens mais polêmicos da votação de ontem, principalmente quando descumpriu um acordo com o presidente José Sarney e não citou, em seu discurso, a afirmação presidencial de que estaria disposto "a um grande entendimento nacional".

Arinos defendeu os cinco anos para Sarney, mas irritou os "cincoanistas". Falou em favor do parlamentarismo, mas brigou com o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), também parlamentarista. Atropelou o regimento e criou confusão na votação mais importante do dia.

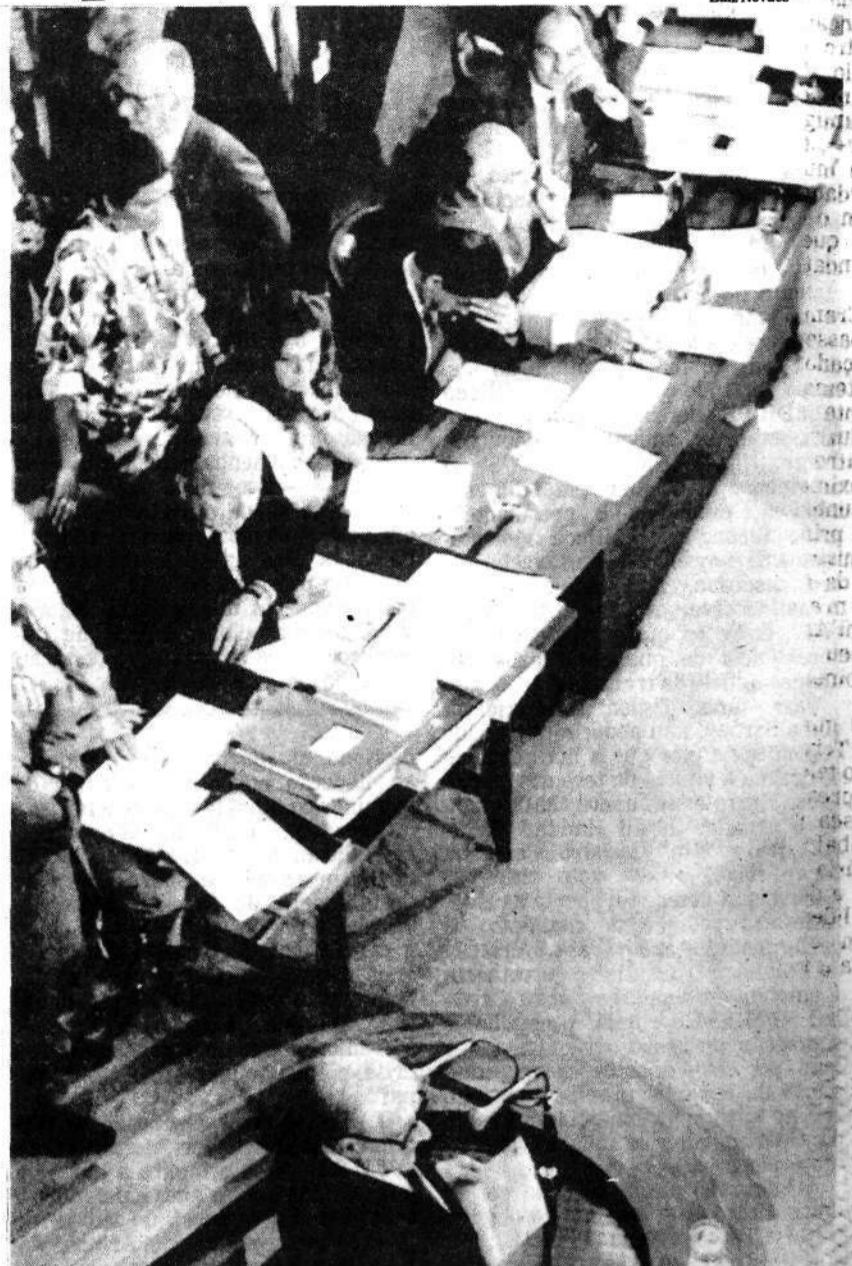
Quando lhe cobraram a leitura do pequeno documento com a declaração que Sarney havia combinado com ele, no dia anterior, Arinos jogou toda sua impaciência para fora: "Eu vou ler, porra!" E leu. Mas neste momento, já durante a votação, ninguém deu importância à proposta de entendimento do presidente.

Desde às 20h de sábado, Arinos vinha sendo trabalhado por um grupo de deputados do PMDB para ser o grande trunfo dos "cincoanistas" na votação de ontem. No gabinete de Arinos, sábado à noite, estavam reunidos os deputados Ibsen Pinheiro (PMDB-SC), Cid Carvalho (PMDB-BA) e Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG), todos pelos cinco anos e pelo parlamentarismo.

Sarney telefonou para o gabinete e conversou longamente com Arinos. Declarou-se disposto a negociar o parlamentarismo já, em nome de "um grande entendimento nacional", e disse estar "surpreso" com a interpretação de alguns constituintes de que estaria querendo prorrogar seu mandato. Imediatamente, os deputados Cid Carvalho e Israel Pinheiro Filho começaram a preparar as linhas do discurso que Arinos faria, com o objetivo de extrair o máximo efeito da disposição de Sarney de negociar. Arinos, ontem de manhã, conversou com Ulysses Guimarães e, depois, novamente com Sarney. Estava muito irritado (mais do que o habitual), quando chegou ao plenário. Quando um repórter perguntou sobre o discurso, Arinos respondeu ríspidamente: "Eu não vou falar com você, vou falar no plenário".

Na tribuna, fez um longo discurso argumentando que a viabilidade do parlamentarismo dependia de um mandato de cinco anos para Sarney. Foi entretanto, um discurso em que já admitia a derrota dos cinco anos, ao dizer: "prefiro a justiça à vitória".

Maliciosamente, o senador Fernando Henrique Cardoso —a quem



O senador Afonso Arinos (PFL-RJ) discursa no plenário da Sistematização

Arinos havia cedido a presidência da Sistematização para fazer seu discurso—soo a campanha, indicando que o tempo quatro minutos do orador havia se esgotado. Arinos ficou indignado: "Quem está cassando minha palavra? Eu exijo tempo, sou o presidente da comissão!" Vaia da esquerda do PMDB. Cardoso, com um sorriso, disse apenas que estava cumprindo o regimento, mas permitiu um pouco mais de tempo para o senador. Meio transtornado com a interrupção, Arinos terminou rapidamente e sem brilho o seu discurso, sem referir-se à declaração de Sarney. Quando reassumiu a presidência da Sistematização, caiu numa armadilha. O orador seguinte foi Mário Covas, que falou longamente pelos quatro anos, dizendo, na primeira frase que Arinos lançara uma "pérola"

aos constituintes, ao preferir a justiça à vitória. "Eu prefiro a vitória com justiça", fulminou Covas. Pior: Arinos deixou Covas falar quase vinte minutos, sem poder soar a campanha, pois havia reclamado quando Cardoso fizera isso. O deputado Theodoro Mendes (PMDB-SP), "cincoanista", ficou irritadíssimo. "Olha o tempo! Isso é usar dois pesos e duas medidas". No fim, Arinos acionou levemente a campanha.

Quando a votação começou, outra trapalhada: em vez de ordenar de início a votação nominal, mandou que os constituintes acionassem a votação eletrônica. Só 63 votaram (31 a 31, com uma abstenção). Surgiu um tumulto, alguém cobrou o documento de Sarney e Arinos leu a declaração. A votação nominal começou na marra. (AP)

Ulysses diz que Sarney 'deve aceitar o resultado' e admite ser candidato

ALEXANDRE POLES

Repórter da Sucursal de Brasília

Sorridente e bem humorado, o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) disse ontem que o presidente José Sarney "deve aceitar o resultado" da Comissão de Sistematização e recebê-lo "como tema para abrir o diálogo numa nova fase"—isto é, no plenário do Congresso constituinte. "Todo político experiente tem reveses e vitórias, é impossível que só seu ponto de vista prevaleça", disse Ulysses, sobre a derrota de Sarney na votação de ontem.

Negou que os quatro anos tenha sido uma derrota pessoal para ele—"não me julgo proprietário da verdade"—e em seguida admitiu que poderá ser candidato à presidência, em 1988. "Meu nome tem sido lembrado pelo partido, mas isto vai ser decidido depois da Constituinte. Ainda é cedo para dizer se sou candidato, seria furucar o processo", afirmou, usando um verbo que não existe no dicionário "Aurélio".

Ulysses saiu de sua casa, na península dos ministros, às 10h25. Conversou de manhã com o ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, e quando pegou seu Landau preto para ir ao Congresso aparentava tranquilidade. "A votação está sendo democrática, acredito que o resultado será bem aceito por todos", disse. Em seu gabinete, na Câmara, acompanhou a votação junto com Luiz Henrique, o ministro da Admi-



O deputado Ulysses Guimarães chega ao Palácio da Alvorada para visitar Sarney, após a vitória dos 4 anos

nistração Aluizio Alves e o senador Mauro Benevides (PMDB-CE).

Quando a Sistematização deu o 48º voto pelos quatro anos, Ulysses estava na ante-sala de seu gabinete. A alguns repórteres que o esperavam, não escondeu um sorriso malicioso. Entrou no gabinete, saiu cinco minutos depois e deu uma curta

entrevista, em pé. Aparentava descontração e falava com bom humor. "A Constituinte é o mais alto foro político da nação. Se a votação não corresponde a seu (de Sarney) desejo, é preciso acatar o resultado como uma emanção da vontade dos constituintes", disse.

Ulysses procurou poupar Sarney.

Afirmou que os que defendiam quatro anos na tribuna não tinham como "endereço pessoal" a figura do presidente. Segundo ele, os constituintes "tiveram um longo período de reflexão e maturação e decidiram de acordo com suas consciências". Admitiu que o resultado poderá modificar-se no plenário.

Jamil Haddad dá vitória aos quatro anos com o voto 47

O senador José Fogaça, que comandava a votação, nem teve tempo de gritar o nome de Jamil Haddad, o penúltimo votante da sessão de ontem da Sistematização. Os deputados de esquerda do PMDB explodiram em aplausos e imediatamente se precipitaram sobre o senador pelo PSB do Rio. Foi de Jamil Haddad o voto de número 47 para os quatro anos de mandato para Sarney, atingindo com isso o quórum mínimo para a vitória.

À noite, em seu gabinete, Jamil Haddad procurou não dar importância a seu voto decisivo. Fundador do antigo PSB, Haddad foi deputado estadual em 1962 e reeleger-se em 1966, pelo MDB. Cassado em 1969 pelo AI-5, voltou à sua profissão —é médico ortopedista— até a anistia de 1979. Filiou-se ao PDT, sendo indicado prefeito do Rio em 1983. Brigou com o então governador Leonel Brizola e, em 1985 ajudou a rearticular o PSB.



O senador Jamil Haddad (PSB-RJ)

Votação tem torcida e destemperos verbais

Do enviado especial a Brasília

Os 432 assentos reservados para o público nas galerias estavam todos ocupados. Dez refletores reforçavam a iluminação do plenário e garantiam a transmissão direta pela TV. Por mais que só 93 constituintes fossem titulares da Comissão de Sistematização, a sessão matutina de ontem registrou a presença de 214 deputados e senadores. Com torcidas exaltadas e destemperos verbais —o líder do PFL, José Lourenço, chamou o relator Bernardo Cabral de "pilantira", enquanto o deputado Theodoro Mendes (PMDB-SP) acusava o senador Afonso Arinos de "cambalachão"—o Congresso constituinte viveu ontem o mais animado de seus dias. Agitação idêntica não ocorria no plenário da Câmara desde a manhã de 15 de janeiro de 1985, quando Tancredo Neves eleger-se presidente.

A excepcionalidade do dia era demonstrada, já às 6h15, com a

chegada do primeiro constituinte para os trabalhos que seriam abertos quase quatro horas depois. Jonas Pinheiro (PFL-MT), suplente na Sistematização, queria ser o primeiro a assinar o livro de presença, e garantir o direito de votar na ausência de um titular. Esforço inútil, que também vitimou o deputado Cláudio Cardinal (PMDB-RS), em plenário às 6h30, com água quente e sua bomba de chimarrão.

Apesar de nuvens carregadas de chuva, nada desanimava três grupos populares que estavam nos gramados do Congresso. Paradoxalmente, o menos numeroso era a delegação do PC do B, vinda do Rio para pressionar pela redução do mandato presidencial. Os outros grupos preocupavam-se com itens diferentes. Em oito ônibus vindos do Norte de Goiás, desembarcava o "lobby" pela criação do Estado de Tocantins. E por volta das 8h30 chegavam ex-pracinhas, cabos ou sargentos interessados na anistia aos militares.

Em plenário, os conchavos corriam à solta. Henrique Hargreaves, assessor parlamentar do Gabinete Civil do Planalto, "convocava" deputados do PFL para conferir suas contas. "Está 46 a 46", disse no ouvido do senador Alfredo Campos (PMDB-MG), referindo-se à votação do mandato de Sarney. "Precisamos garantir o voto do Siqueira Campos (PDC-GO), que, para apoiar os cinco anos, teria feito exigências "complicadas". Siqueira votou nos quatro. Peemedebistas abordavam Fernando Gasparian (PMDB-SP), tentando convencê-lo a não votar nos cinco anos. O PT refazia suas contas. O líder do PMDB, Mário Covas (SP), garantia ao líder do governo, Carlos Sant'Anna, que o Planalto estava em situação delicada. Tinha razão.

O burburinho que prevalecia em plenário cessou quando José Richa (PMDB-PR) subiu à tribuna para o primeiro dos quatro discursos de encaminhamento. Só voltou quando José Lourenço terminou sua argu-

mentação favorável ao presidente Sarney, sob vaia.

13h13: O senador Jamil Haddad (PSB-RJ) dá o decisivo 47º voto à emenda dos quatro anos. As galerias explodem. Ex-cabos cassados, sindicalistas da CUT e comunistas gritam aos berros "Diretas-já" e "O povo, unido, jamais será vencido". Os constituintes, que antes faziam sinais para que o público m silêncio, comandavam a comemoração. Presidindo a mesa, Afonso Arinos encerrou a sessão.

A festa em plenário e nas galerias prosseguia. Lula abraçava Mário Covas, Fernando Henrique abraçava Nelson Carneiro, José Genoíno abraçava todo mundo. No bloco de poltronas da direita, tradicionalmente ocupado pelo PDS, Jarbas Passarinho, com fisionomia fechada, conversava com seus partidários. O "povo", exaurido pelos slogans das diretas, passou desordenadamente a esbravejar contra a UDR e o FMI. (JBN)